

A PROMISCUIDADE SEXUAL NA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

Trabalho de Curso

(2009)

Tiago Lopes Lino

Psicólogo Clínico e mestrando em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina de Lisboa, Portugal

Email:

loptiago@gmail.com

RESUMO

A promiscuidade sexual entre homossexuais masculinos é um dos temas estudados no comportamento sexual humano. Uns confirmam como um facto característico deste grupo, outros refutam esta posição. Associa-se homossexualidade a promiscuidade sexual, pois poucos são os homossexuais masculinos que contam com poucos parceiros sexuais durante a sua vida sexual activa. Nalgumas culturas homossexuais, a diversidade de parceiros é vista como um ranking, ou seja, uma competição entre pares.

Apesar dos inúmeros estudos sobre este tema, será injusto afirmarmos que os homossexuais masculinos são os mais promíscuos entre as demais orientações sexuais. É um facto que as relações homossexuais são menos duradouras do que as heterossexuais, pois estão condicionadas por factores sociais, culturais, legais e religiosos. Contudo estas condicionantes não determinam que se considerem os homossexuais masculinos mais promíscuos.

Ser sexualmente promíscuo implica ser parafilico ou ter um desejo sexual hiperactivo? Pode este desejo levar a uma perturbação psiquiátrica? Ou será o resultado de uma disfuncionalidade psíquica? E ser homossexual masculino, implica sempre o desejo de ter inúmeros parceiros sexuais? Ou essa procura de parceiros é condicionada por sucessivas relações amorosas fracassadas? Tentar-se-á desenvolver estas questões ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Homossexualidade, promiscuidade sexual, parafilia, desejo, impulso sexual, diversidade

INTRODUÇÃO

A promiscuidade sexual continua a ser um factor associado à comunidade homossexual, principalmente à masculina. Hoje em dia ainda está presente a ideia que ser homossexual é sinónimo de ser promíscuo. Até que ponto é verdade?

Num primeiro ponto deste trabalho, serão levantadas duas questões: a promiscuidade sexual poderá ser uma forma de parafilia ou, doutra forma, poderá ser um desejo hipersexual que leve a uma perturbação psiquiátrica. Quanto a ser uma parafilia, deve fazer-se uma comparação entre o próprio conceito de parafilia e o conceito de promiscuidade sexual. Verifica-se que são conceitos muito distintos e que tão pouco se relacionam. Quanto a ser uma forma de desejo hipersexual, de facto existe um impulso sexual muito forte no indivíduo promíscuo, porém será errado falar em desejo em sentido concreto. Será mais pertinente falar em impulso sexual, pois o desejo implica vontade declarada e livre arbítrio, a passo que impulso sexual implica necessidade de satisfação rápida e instantânea.

Num segundo ponto, define-se o conceito de homossexualidade, relacionando o mesmo com o sentido de orientação sexual e de preferência sexual. Este ponto conta com a escala de Kinsey, relacionando os vários comportamentos sexuais com a orientação sexual, principalmente a homossexual, e a preferência sexual dos indivíduos em sociedade.

O terceiro e último ponto é dirigido à diversidade e sucessão dos parceiros sexuais. Aqui é feita a distinção entre promiscuidade sexual e poligamia, bem como são referenciados alguns estudos, dos mais remotos aos mais recentes, sobre o número de parceiros com quem o indivíduo homossexual mantém relações sexuais. Ressalva-se a dificuldade de os relacionamentos *gay* durarem em média mais de 2 anos, e a dificuldade de fidelização dos homossexuais masculinos condicionada pelas novas formas de vida citadina e multicultural.

A promiscuidade sexual será uma parafilia? Ou será um desejo hipersexual? Ou uma perturbação psiquiátrica?

A promiscuidade sexual é um comportamento que conta com a procura e concretização sexual com vários parceiros, de forma sucessiva e diversa, com vista à obtenção do prazer, com inclusão da cópula. Esta procura assenta no aspecto mais instintivo do ser humano, no qual o que interessa é o sexo no sentido concreto, restrito a uma qualquer intimidade ou a qualquer relação afectivo-emocional.

A parafilia é um padrão de comportamento sexual no qual a fonte predominante de prazer não se encontra na cópula, mas em alguma outra actividade. Em determinadas situações, o comportamento sexual parafílico pode ser considerado uma perversão ou uma anormalidade. Porém, segundo CID-10¹, as parafilias podem ser consideradas inofensivas e, de acordo com algumas teorias psicológicas, são parte integral da psique normal — salvo quando estão dirigidas a um objecto potencialmente perigoso, danoso para o sujeito ou para outros (trazendo prejuízos para a saúde ou segurança, por exemplo), ou quando impedem o funcionamento sexual saudável, sendo classificadas como distorções da preferência sexual.

Será a promiscuidade sexual uma parafilia? Tendo como referência o que já foi citado, a parafilia assenta num comportamento sexual no qual a obtenção do prazer resulta de diversas actividades com exclusão da cópula. Por sua vez a promiscuidade sexual, implica a busca do prazer com diversas pessoas onde a cópula é factor fundamental para a realização satisfatória. A promiscuidade sexual só seria uma parafilia caso o indivíduo promíscuo obtivesse prazer apenas na procura de múltiplos parceiros. Integra, assim, um grupo de perturbações do impulso sexual cujos comportamentos sexuais não são desviantes, tal como nas parafilias, mas que respeitam as normas das mesmas.

O ser Humano é um ser com afectos, emoções, paixões e múltiplos desejos, entre os quais o desejo sexual. Ao acto sexual, como necessidade básica (fisiológica) da pirâmide de Maslow, que visa garantir a propagação da espécie humana, junta-se a líbido, como energia móvel e aproveitável para a obtenção do prazer nos instintos vitais, incluindo o instinto sexual. Ambos, acto sexual e líbido, são a engrenagem do comportamento sexual humano. O desejo sexual, por mais hiperactivo que seja, não é, por si só, patológico: é natural. O ser humano, dentro das diferentes fases da vida, revela ter mais ou menos desejo sexual. Se este desejo aumenta devido à insatisfação permanente e interfere e prejudica outras áreas, outrora funcionais da vida do indivíduo, estamos perante hiperssexualidade patológica. Dentro deste quadro está a perversão sexual¹ e a ninfomania².

Será a promiscuidade um desejo sexual hiperactivo ou será uma perturbação psiquiátrica? A promiscuidade, juntamente com algumas características da personalidade de determinados indivíduos, pode tornar-se muito facilmente numa *libido dominendi*, na terminologia usada por Santo Agostinho que a considerou como o desejo de dominar. Refere-se esta classificação ao desejo intencional de dominar sexualmente os outros e humilhá-los sem o seu consentimento. Considera-se uma perturbação psiquiátrica. Caso haja consentimento do parceiro estaremos diante de um quadro de dominação-submissão, que consubstancia uma parafilia e já não uma perturbação psiquiátrica.

¹ Uso desviado da sexualidade normal.

² Elevado nível de desejo e de fantasias sexuais na mulher .

Por outro lado, o desejo sexual hiperactivo ou o desejo constante na obtenção de prazer através do sexo, seja ele de forma monossexual ou polisssexual, não confere um cariz patológico, salvo se este contribuir para o sofrimento do próprio indivíduo ou de outros. Porém podemos referir que o desejo sexual hiperactivo, tal como a promiscuidade sexual, são classificados como perturbações do impulso sexual.

A promiscuidade está estreitamente ligada à realização satisfatória dos impulsos sexuais, chegando a transformar-se num vício. Segundo Jaspers, citado por Abreuⁱⁱ, o vício do impulso é caracterizado pela sua componente mais dominante que é a insaciabilidade. A força impulsiva será o vector permissivo à satisfação de uma vontade. A vontade, faculdade mais nobre da existência humana, está relacionada com a satisfação dos impulsos sexuais. O impulso e a vontade são duas faces da mesma moeda, contudo, à vontade está ligada a liberdade humana resultante do livre arbítrio. O impulso surge como forma de satisfação de uma vontade declarada, que só se torna patológico se o indivíduo, na sua manifestação sexual, utilizar esquemas compulsivos que comprometam a sua liberdade e/ou a dos outros.

Sendo a vontade sexual regida por quatro fases: a concepção, a deliberação, a decisão e a execução, é mais fácil identificar a promiscuidade como um comportamento patológico nas duas últimas fases, decisão e execução, pois caso funcionem compulsivamente a favor de um impulso sexual exacerbado e viciante, causam sofrimento ao indivíduo. O comportamento sexual pode-se tornar-se compulsivo, à semelhança das outras adições, tornando o indivíduo dependente dessas compulsões para obter prazer. Por sua vez, este comportamento sexual compulsivo, indicador de um comportamento ou pensamento sexual excessivo que provocam sofrimento emocional ou perturbação social ou ocupacional ao indivíduo que o comporta.

A homossexualidade: orientação sexual ou preferência sexual?

Para falar em homossexualidade masculina é necessário definir primeiro o que é a homossexualidade. Segundo Albuquerqueⁱⁱⁱ, é a preferência erótica por pessoas do mesmo sexo, tanto nos pensamentos e emoções como nos comportamentos sexuais, quando está presente a possibilidade de escolha. Seria ainda importante diferenciar dois conceitos, a homossexualidade como orientação e como preferência. A orientação sexual indica qual o género, masculino ou feminino, para que uma pessoa se sente preferencialmente atraída física e/ou emocionalmente.

A denominação “orientação sexual” é considerada, actualmente, mais apropriada do que “opção sexual” ou “preferência sexual”. Isto porque “opção” indica escolha da forma de desejo. Assim como o heterossexual não escolheu essa forma de desejo, o homossexual (tanto feminino como masculino) também não, pois, segundo pesquisas recentes, esta orientação está determinada por factores biogenéticos, razões hormonais *in utero* ou genes que possam determinar esta predisposição.

Kiseny^{iv}, com o seu estudo sobre o comportamento sexual humano, tentou elaborar uma escala que abrangesse todas as orientações sexuais. Porém o seu trabalho recolheu comportamentos que ajudaram a determinar mais propriamente a preferência sexual e não tanto a orientação sexual dos indivíduos. A escala de Kinsey tem início em 0, com o significado de um comportamento exclusivamente heterossexual, e término em 6 para comportamentos exclusivamente homossexuais.

Estudos posteriores mostraram, além das categorias apresentadas por Kinsey, mais dois tipos de comportamentos sexuais, o assexual (nenhuma atracção sexual) e o pansexual (atracção por diversos géneros, quando se aceita a existência de mais de dois géneros). O termo pansexual (ou também omnissexual) pode ser utilizado ainda para indicar alguém que tem uma orientação mais abrangente (por exemplo, a atracção específica por transgéneros).

A escala é representada por: 0- Exclusivamente heterossexual; 1- Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual; 2- Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência; 3- Iguamente heterossexual e homossexual; 4- Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência; 5- Predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual; 6- Exclusivamente homossexual e X- Assexuado.

Muito frequentemente a escala de Kinsey é apresentada de forma demasiado simplificada prevendo apenas as seguintes categorias: bissexual (atracção por ambos os géneros), heterossexual (atracção pelo género oposto), homossexual (atracção pelo mesmo género). Apenas contempla a monossexualidade, apercebendo apenas dois sexos: o masculino e o feminino.

Consideraremos a mesma escala simplificada, para concluir que o que define a orientação sexual, além dos factores já mencionados (preferência erótica e a escolha), é também a durabilidade e exclusividade da atracção pelo outro. Assim, a orientação sexual define-se pelas exclusividades homossexual e heterossexual e pela bissexual. Enquanto a preferência sexual define-se pela atracção momentânea heterossexual, homossexual, assexual e pansexual.

A preferência sexual é um conjunto de comportamentos sexuais dirigidos a indivíduos do sexo oposto ou do mesmo sexo ou a objectos, a fim de satisfazer, momentânea e satisfatoriamente, um estado excitatório sem que tenha impacto na orientação sexual dos indivíduos que os praticam.

A orientação sexual é o que identifica o indivíduo na sua sexualidade, a sua conduta sexual e o seu relacionamento com o outro de uma forma exclusiva e duradoura. Enquanto que a preferência sexual poderá ser dirigida a pessoas ou a objectos saciadores de prazer, de uma forma pontual. A homossexualidade masculina será a orientação sexual de um indivíduo masculino que se sente exclusivamente atraído, sexual e emocionalmente, por indivíduos do sexo masculino.

A diversidade e sucessão de parceiros, a busca incansável e intempestiva.

A promiscuidade sexual foi, desde cedo uma área da sexologia do interesse de diversos autores. Já Engel, defendia nas suas teses que primitivamente os seres humanos viveram em promiscuidade sexual. Bachofen defendia que a promiscuidade sexual aparece como um comportamento animal típico isento de qualquer norma enquadradora, mas que constitui ela mesma como norma enquadradora de um costume.

Rathus^v demonstra que a inteligência humana e as sociedades modernas tornam mais complexos os comportamentos sexuais dos indivíduos como acontece com outros comportamentos. Numa determinada sociedade os indivíduos têm variadas experiências sexuais. No entanto, essa mesma sociedade define e pode limitar algumas actividades sexuais, nomeadamente comportamentos homossexuais.

O comportamento sexual humano, tal como muitos outros tipos de actividades exercidas por seres humanos é regido por regras sociais que são culturalmente específicas e variam amplamente com o tempo. Estas regras sociais são referidas como moral sexual (o que pode e não pode ser feito através dessas regras) e de normas sexuais (o que é e não é esperado que aconteça na vida sexual e privada do indivíduo). Usualmente estas normas sexuais estão ligadas à ética, moral e às normas que dizem respeito a questões que incluam honestidade, legalidade, fidelidade e consentimento.

Falar em promiscuidade, neste caso masculina, falamos obrigatoriamente em diversidade e sucessão de parceiros, no entanto é necessário diferenciar a promiscuidade da poligamia. A poligamia é a relação onde os indivíduos mantêm mais de um vínculo sexual e afectivo, isto é, refere-se a um tipo de relacionamento amoroso com mais de um parceiro, por um período significativo de tempo ou até por toda a vida. A promiscuidade sexual caracteriza os relacionamentos de cariz exclusivamente sexual, praticados com diversos parceiros, de um modo sucessivo, por um período de tempo pouco significativo em cada relacionamento, não havendo lugar qualquer tipo de afecto, vínculo ou compromisso.

Segundo Brecher^{vi}, a escolha de um parceiro sexual torna-se significativa unicamente por que sociedade o obriga. A condicionante social da escolha de um parceiro não é de todo fácil. Esta escolha exige procura, experimentação e a verificação de compatibilidade sexual entre os indivíduos. Para este autor a pressão social em escolher propiciará situações promiscuas, em busca do par ideal que permita uma relação duradoura e monogâmica. Esquece este autor a afectividade tendencial nessa mesma procura e ainda o facto de na promiscuidade *stricto sensu* não haver objectivo que não seja o gozo do seu exercício. Mas, fixando a reflexão de Brecher sobre a influência social na escolha, observamos que para Albuquerque, o homossexual não é socialmente encorajado a ter relações estáveis, pelo contrário.

Para Andreae^{vii} o comportamento sexual no mundo real tem que ser estabelecido por um compromisso com desejos de sexo oposto, contudo os recursos disponíveis e a agressiva competição masculina, no mundo de fantasia, permitem aos homens poder fazer exactamente o que lhes apetece, podendo mesmo ter desejo pelo mesmo sexo, caso pretendam. A competição é a grande força motriz por detrás dos instintos sexuais primários dos homens e a testosterona a principal hormona responsável pelo desejo sexual masculino.

Ora, falamos de homens, desejo sexual por indivíduos do mesmo sexo, níveis de testosterona, procura obsessiva do parceiro ideal, competitividade e agressividade, condimentos que facilmente proporcionam uma conduta promíscua homossexual masculina.

Será a promiscuidade homossexual um mito? Ou a promiscuidade estender-se-á a todas as orientações sexuais? Para Bancroft^{viii} a promiscuidade sexual tem mais que ver com a masculinidade do que propriamente o ser homossexual.

Desde o descobrimento do vírus da imunodeficiência humana e a relação estabelecida entre este e a comunidade homossexual, depressa surgiu a analogia homossexualidade-promiscuidade. Os homossexuais foram e ainda são considerados promíscuos pela multiplicidade de parceiros sexuais, estatisticamente comprovável.

Vários estudos surgiram no sentido de reforçar ou refutar a ideia da promiscuidade nos homossexuais masculinos. Os pontos de acesso urbanos, vulgo “zonas de engate” homossexual masculino, proporcionam relações sexuais homossexuais promíscuas. Locais como casas-de-banho públicas, saunas, *darkrooms*, locais onde os homossexuais masculinos se deslocam para encontros sexuais furtivos, guetos nocturnos e *chats*, são em maior número e cada vez mais procurados por homens, sejam eles de orientação exclusivamente homossexual ou não. Na homossexualidade masculina, o “sexo fácil” beneficia da panóplia de locais propícios à promiscuidade. Este factor tende a crescer, atraindo maior número de indivíduos.

Levanta-se então a questão da fidelidade sexual. Será uma questão moral? Ou pode não ser um factor importante nos relacionamentos homossexuais? Nalguns casos parece mesmo que monogamia não detém o mesmo lugar em relacionamentos homossexuais masculinos como detém noutros relacionamentos. Alguns estudos indicam que homens homossexuais não são mais promíscuos do que os seus congéneres heterossexuais. Outros afirmam estatisticamente que os homossexuais são de longe os mais promíscuos.

Tendencialmente, segundo Nicolosi^{ix}, poucos são os relacionamentos "gay" que duram mais de dois anos, proporcionando assim a um homem homossexual contar centenas de parceiros sexuais ao longo da sua vida. Saghir e Robins^x, num estudo que efectuaram, verificaram que 50% dos homossexuais masculinos com idade superior a trinta anos, e 75% dos homens homossexuais com mais de quarenta, experimentou relacionamentos que não duraram mais de um ano.

Em 1978, um estudo feito por dois médicos^{xi} com seiscentos e oitenta e cinco homens homossexuais, revelou que 83% tinham mais cinquenta parceiros durante a vida, 73% tinham mais de cem, 58% tinham mais duzentos e cinquenta, 41% tinham mais quinhentos e 26% ultrapassam os mil parceiros. É de salientar que 79% dos inquiridos referem que mais de metade dos seus contactos sexuais foram com indivíduos totalmente estranhos. Outro estudo^{xii} apurou que apenas 7% dos homossexuais masculinos tinham tido um relacionamento que durou mais de dez anos.

A promiscuidade extrema tem sido de facto, uma ocorrência comum entre os homossexuais do sexo masculino. Altman^{xiii} refere que existe um movimento para que a promiscuidade seja uma espécie de gestão de um relacionamento sexual, pois é suposto e desejável ter frequentes e variados parceiros sexuais, sendo esta conduta cada vez mais encarada como uma parte positiva do estilo de vida “gay”.

Estudos mais recentes, um deles levado a cabo por um grupo de americanos, mostra consistentemente que existem diferenças na vida sexual de homens homossexuais, consoante a idade. Homens mais jovens têm mais parceiros e uma maior frequência de relações sexuais, enquanto que homens mais velhos têm menos parceiros, mas são mais propensos a pagar por sexo.

Considerados estes estudos, persiste a dúvida sobre se a promiscuidade sexual é presença obrigatória no comportamento homossexual masculino. Contudo parece injusto considerarmos que comportamentos sexualmente promíscuos definam a condição de um homossexual. Um estudo recentemente realizado à escala mundial por Shmitt, que compara os comportamentos das várias orientações sexuais, reforçou, mediante análises estatísticas, a tese que os homossexuais, e principalmente os masculinos, são os mais promíscuos. Mais observou que os elevados índices de promiscuidade sexual se devem a três factores: declínio nos escrúpulos religiosos, aumento dos direitos das mulheres e elevadas taxas de popularização dos costumes sexuais.

Este último factor reforça conclusões baseadas em dados trabalhados em estudos passados, nos quais se considera que alguns homossexuais entendiam e adoptavam a promiscuidade sexual como uma moda na *lifestyle gay*, quase como um ritual cultural de aceitação na comunidade homossexual.

CONCLUSÃO

Este trabalho baseou-se numa revisão bibliográfica sobre a promiscuidade sexual na homossexualidade masculina. Foram abordados pontos que relacionam a promiscuidade com a parafília ou com o desejo sexual hiperactivo ou, até mesmo, com uma perturbação psiquiátrica. Conclui que a promiscuidade sexual só pode ser entendida como uma parafilia, caso o indivíduo

promíscuo obtenha prazer apenas na procura de diversas pessoas. Reflete ainda que o desejo sexual hiperactivo ou o desejo compulsivo na obtenção de prazer através do sexo, não sejam considerados psicopatológicos, salvo se estes contribuírem para o sofrimento do próprio indivíduo ou de outros. A promiscuidade não deixa mesmo assim de ser uma perturbação do impulso sexual.

Foi também definida a homossexualidade masculina como a orientação sexual de um indivíduo que se sente exclusivamente atraído, sexual e emocionalmente, por outros indivíduos do sexo masculino. Foi feita a distinção entre orientação sexual e preferência sexual, concluindo-se que orientação sexual é o que ajuda o indivíduo a identificar a sua sexualidade, a sua conduta sexual e o seu relacionamento com o outro de uma forma exclusiva e duradoura, enquanto que a preferência sexual poderá ser dirigida a pessoas ou a objectos sexuais saciadores de prazer, de uma forma pontual.

Por último, foram citados alguns estudos sobre a promiscuidade sexual e concluiu-se que esta é presença tendencial no comportamento homossexual masculino. Contudo parece injusto considerarmos que comportamentos sexualmente promíscuos definam a condição de um homossexual, pois estes estão condicionados por vários factores da sociedade contemporânea (mormente a urbana). É possível concluir que o que define a promiscuidade na homossexualidade masculina é de facto o determinante masculino e não o ser homossexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ⁱ <http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online/?gf60.htm+f65>
- ⁱⁱ Pio Abreu JL. Introdução à psicopatologia compreensível. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2002.
- ⁱⁱⁱ Albuquerque A. Minoria eróticas e agressores sexuais. Lisboa: Dom Quixote; 2006.
- ^{iv} Kinsey AC et al. Sexual Behavior in Human Male.(re-edição) Philadelphia: Saunders; 1998.
- ^v Rathus et al. Sexualidade humana num mundo de diversidade. 2ª ed. New Jersey: Pearson Education; 2005.
- ^{vi} Brecher EM. The Sex Researchers. London: Andre Deutsch; 1970.
- ^{vii} Andreae S. Anatomia do Desejo. Porto: Campo das Letras; 2003.
- ^{viii} Bancroft J. Human sexuality and its problems. 2ª ed. New York: Churchill; 1989.
- ^{ix} Nocolosi J. Terapia da Homossexualidade Masculina. New Jersey: Jason Aronsons Inc.; 1991.
- ^x Saghir MT e Robins E. Homossexualidade Masculina e Feminina: Um estudo abrangente. Baltimore: Williams Wilkins; 1973.
- ^{xi} Bell AP e Wienberg MS. Homossexualidades: Um Estudo da diversidade entre Homens e Mulheres. New York: Simon & Schuster; 1978.
- ^{xii} Jay K. e Young A. The Gay Report. New York: Summit; 1979.
- ^{xiii} Altman D. A americanização da Homossexualidade. New York: St. Martin's Press; 1982.